

EPISÓDIO 3

As afinações de uma orquestra

[sobe som, Arcadio Minczuk toca o “Lá” no oboé]

SANDRA ANNENBERG:

Quem já foi em um concerto pra escutar uma orquestra conhece bem esse som...

[“Lá” no oboé, seguido pela Orquestra]

SANDRA ANNENBERG:

É a orquestra toda afinando os instrumentos, já no palco, minutos antes do primeiro acorde soar. A referência pra afinação, essa nota que você ouviu no começo, é dada por um instrumento de sopro com mais de 300 anos de história, e que você vai escutar no episódio de hoje que é sobre... afinação, afinação não só dos instrumentos, mas também da própria Orquestra.

É que depois da morte do maestro Eleazar de Carvalho, em 1996, muitos ajustes na estrutura da Osesp foram feitos e, dá pra dizer que ela foi afinada de várias formas, um processo que garantiu a excelência que nós, ouvintes da Osesp, escutamos hoje.

[inicia a vinheta sonora]

Bem-vindos e bem-vindas, eu sou Sandra Annenberg e esse é o terceiro episódio da série ‘Aqui a música toca’ que comemora os 70 anos da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, a Osesp.

[termina a vinheta sonora]

ARCADIO MINCZUK:

O oboé afina a orquestra. O *spalla* entra, né, agradece o público, daí ele pede o “Lá” para o oboé.

SANDRA ANNENBERG:

Esse é o Arcadio Minczuk, oboé solista da Osesp. A gente já o ouviu no episódio passado. Antes dos concertos da orquestra é ele quem toca essa nota, um “Lá”, para todos os outros músicos afinarem seus instrumentos. Mas por que o oboé?

[Conforme Arcadio descreve a cena, a Orquestra vai afinando ao fundo]

ARCADIO MINCZUK:

Bom, uma das características do instrumento é o seu som. Ele tem esse som, essa característica penetrante, não é por acaso. Então, você imagine uma orquestra grande, cem pessoas no palco aqui, só de instrumentistas. E quando o oboé começa a dar o “Lá”, afina os sopros antes, os 50 músicos por aí. E o som do oboé continua sendo audível, entende? Se fosse um clarinete que desse o “Lá”, uma flauta, esse som ele se misturaria com os outros, se fundiria com os outros. E ninguém mais teria a referência.

SANDRA ANNENBERG:

Realmente, é um instrumento cheio de características especiais...

[Entra a o solo de oboé na obra *O Lago dos Cisnes*, de Tchaikovsky]

ARCADIO MINCZUK:

Ele é muito difícil de tocar, o oboé especialmente por causa da palheta. A palheta é aquela peça que liga os lábios do oboísta ao instrumento, ao oboé. Essa peça é feita de um bambu muito específico, especialmente o de melhor qualidade vem lá do sul da França. Esse bambu ele tem as características dele, principais, é que ele tem as fibras muito finas, muito flexíveis, e, ao o mesmo tempo, muito resistente... E depende da safra, é como vinho, alguns anos a “cana”, que a gente chama, tem safras que não tão bem. Então, a gente sofre, perde muito material.

SANDRA ANNENBERG:

E outra curiosidade é que são os oboístas que confeccionam suas próprias palhetas.

[som dele confeccionando a própria palheta de oboé]

ARCADIO MINCZUK:

É um trabalho de artesanato, muitas palhetas não funcionam direito como a gente quer. É muito sensível o material, ele funciona de acordo com a umidade, a pressão atmosférica. Vou dar um exemplo: se chove, ele altera. Ele funciona melhor com uma boa umidade, mas se tiver uma temperatura muito baixa, não funciona bem e vai afetar também a afinação...

[som ao fundo indica a mudança de assunto]

SANDRA ANNENBERG:

Outra afinação que não andava muito bem era aquela entre a Osesp e a política pública, cheia de incertezas sobre o rumo da Orquestra. Tanto que,

em seu histórico discurso durante o velório do Maestro Eleazar no Theatro Municipal de São Paulo, o então trompete solista do grupo, Gilberto Siqueira, não poupou críticas...

GILBERTO SIQUEIRA:

E eu fui lá na frente sem ter pensado no que falar, nem nada. “Hoje...”, eu falei, “... nós estamos aqui muito tristes, porque o maestro Eleazar teve uma vida inteira, plena, para conquistar o que ele queria, mas ele não conseguiu também. Eu queria pedir pros empresários e políticos que parassem de explicar o porquê que não dava. E encontrasse um caminho para dar à cultura um endereço.” Foi o que eu falei, assim... Olha, o teatro veio abaixo, como se fosse final de ópera!

SANDRA ANNENBERG:

O que o Gilberto não sabia é que naquela mesma hora tinham acabado de entrar no Theatro Municipal o então Governador de São Paulo, Mário Covas, e seu secretário de Cultura, Marcos Mendonça.

GILBERTO SIQUEIRA:

O que eu sei, em relação ao Covas, é que ele não desistiu mais, aquilo ali mexeu com ele e ele resolveu... Aí fizeram contato com o maestro Neschling, que era uma das pessoas que se pensava que poderia fazer, ele estava na Europa, tal, para vir aqui, tá bom? Ele veio.

SANDRA ANNENBERG:

E a chegada do maestro John Neschling já no ano seguinte, em 1997, foi um momento de afinação estrutural importantíssimo pra Osesp. Seu primeiro movimento à frente da Orquestra foi exigir que os músicos passassem por uma prova para decidir quem estava apto a continuar no grupo e quem não.

ELIZABETH DEL GRANDE:

Pra mim foi assim bem difícil, nós estávamos assim num nível péssimo, não só artístico. A orquestra foi realmente deteriorando e morrendo com ele, e para mim, depois de 25 anos sem prestar um teste, um concurso, ter que passar por uma banca internacional, aquilo me assustou bastante.

SANDRA ANNENBERG:

A Elizabeth Del Grande, timpanista e integrante mais antiga da Osesp, vivenciou todas as transformações importantes dessa época.

ELIZABETH DEL GRANDE:

Eu sou uma pessoa super otimista, mas eu estava totalmente desacreditada. Eu dizia: “Nossa, acho que eu não vou conseguir, não vou fazer”. O receio não era de fazer o teste em si, mas é que eu realmente não acreditava que o projeto fosse vingar. Porque já tinham tido tantas outras vezes que tinham prometido

tanta coisa pra gente e não tinha acontecido... me inscrevi na última hora, né? Na época, eu já era timpanista principal da Orquestra. E acabei prestando o teste para a mesma vaga, passei... E aí foi só alegria mesmo, porque aí a gente começou a ver que realmente ia ter uma sala, e o Neschling, ele vestiu a camisa do projeto realmente, né?

[barulho de TV ligando]

GRAVAÇÃO JOHN NESCHLING:

Uma orquestra precisa de uma sala para ensaiar, para criar seu som, para se desenvolver como um conjunto sinfônico, para se ouvir, para se gostar. É como você dar uma casa nova a uma pessoa ou um hospital para um cirurgião ou estádio novo para um time de futebol.

[barulho de TV desligando]

SANDRA ANNENBERG:

Esse foi o maestro John Neschling em entrevista para a TV Cultura. No próximo episódio, a gente vai saber como ele conseguiu tirar do papel essa ideia de ter uma sala própria. Mas o primeiro passo, claro, era montar uma orquestra de excelência...

ARCADIO MINCZUK:

A condição artística era ruim, porque o nível da orquestra era muito heterogêneo, algumas obras a gente não conseguia executar ou tinha que trocar o programa. Então isso era muito perceptível, muito audível...

SANDRA ANNENBERG:

Audível principalmente pro Arcadio, que tem uma habilidade de escuta muito peculiar, conhecida como “ouvido absoluto”.

[os sons do cotidiano citados abaixo, vão aparecendo ao fundo da fala do Arcadio]

ARCADIO MINCZUK:

Qualquer som que a gente ouvia uma sirene ou qualquer instrumento a gente ouve a nota definida. A gente ouve sílabas: “Si, Dó, Ré, Mi...”. Sabe? Ou quando ouve uma música a gente fica ouvindo milhares de sílabas.

SANDRA ANNENBERG:

Muito conveniente para alguém que cuida da afinação da Orquestra, né? E esse, digamos, super poder, já rendeu ao Arcadio um convite para participar de um programa de televisão.

[entra a vinheta do programa *Os Incríveis*, do canal Nat Geo, enquanto Arcadio descreve, as taças são enchidas, esvaziadas e tocadas para testar a afinação...]

GRAVAÇÃO ARCADIO MINCZUK:

Eu tinha que identificar as notas e, depois, eu tinha um desafio. Eles sorteavam uma de várias melodias e eu tinha taças vazias de cristal e, de acordo com aquela melodia que eu havia sorteado, eu tinha que afinar todas as taças e depois tocar a música. Então, eu me lembro que eu fui sorteado com a *Nona* de Beethoven, a melodia, aí eu peguei as taças e corri porque eu não conhecia as taças, eu não sabia, cada uma tem uma nota né? A taça de cristal. Aí você para subir a afinação, no caso, se ela tá vazia, você só tem a possibilidade de baixar afinação, porque quanto mais água vai baixando afinação. Então tinha que fazer isso, colocar água ou algumas que eu tinha colocado mais, tirar e afinar. E era um trabalho assim desafiador, tinha um público, eu tinha me arrependido já de estar me expondo tanto... E aí eu afinei, consegui, aí depois tinha um pianista que conferiu se elas estavam afinadas e estavam bem afinadas [risos]. E eu toquei ainda depois....

[melodia da *Ode à Alegria*, de Beethoven tocada nas taças de cristal...
De repente, surge a Osesp à tocando a continuação da música]

SANDRA ANNENBERG:

Com talentos como o de Arcadio e muitos outros, o grupo que já integrava a Osesp foi melhor do que o esperado no teste promovido pelo novo diretor artístico, John Neschling.

MARCELO LOPES:

E o mais interessante é que, quando os músicos foram audicionados da orquestra anterior, éramos 95 e 77 aceitaram fazer a audição. E 44 passaram. Ou seja, dentre aqueles que se propuseram a fazer a audição, foi até um número muito bom.

SANDRA ANNENBERG:

Esse é o Marcelo Lopes, ex-trompetista da Orquestra e atual diretor executivo da Fundação Osesp. (Ah, o Marcelo também passou no teste, tá?).

MARCELO LOPES:

É nesse aspecto que eu digo, o DNA da orquestra que recomeçou o trabalho um ano depois da morte do Eleazar, a espinha dorsal daquele grupo, era o grupo que o Eleazar tinha deixado e tinha contratado muito cedo, e treinou essas pessoas por mais de uma década. Então eu acho que, assim, há que se reconhecer ambos os trabalhos, eu entendo que sem Eleazar, não teria havido Neschling. E sem Neschling, o trabalho de Eleazar de fato teria acabado, teria morrido, teria desaparecido. E essa é a beleza, que eu falo, do trabalho intergeracional da Orquestra.

SANDRA ANNENBERG:

Com a contratação de músicos estrangeiros feita após audições na Europa e nos Estados Unidos, a formação da Orquestra estava enfim completa e as portas para projetos mais ambiciosos se abriram.

[sobe a trilha do álbum ganhador do Grammy]

SANDRA ANNENBERG:

A Osesp começou a fazer turnês internacionais pela América Latina, Europa e Estados Unidos, e a gravar discos que renderam prêmios como o Grammy Latino de Melhor Álbum de Música Clássica para o disco “Beethoven: abertura *A Consagração da Casa* e *Sinfonia n.º 6 em Fá maior*”, gravação que você ouve aqui...

[segue a trilha do álbum]

ELIZABETH DEL GRANDE:

Foram emoções muito grandes porque a Orquestra sempre foi muito bem recebida fora. E a Orquestra, ela se tornou uma referência, né?

SANDRA ANNENBERG:

Essa é novamente a nossa querida Elizabeth Del Grande, titular de um instrumento muito importante pra um episódio sobre afinação porque, assim, como o oboé – e a Osesp como um todo, claro – o tímpano, apesar de ser um tambor, também é capaz de ser afinado.

ELIZABETH DEL GRANDE:

É um instrumento melódico, ele é diferente, por exemplo são tambores, que não é como um tambor de uma bateria que você pode apertar ou soltar mais a pele, a membrana, né? Mas ele tem um pedal ou uma chave. Depende muito do modelo. Onde você muda a afinação.

SANDRA ANNENBERG:

E claro que a gente pediu pra Elizabeth mostrar – no palco da Sala São Paulo – como os tímpanos soam...

[Elizabeth muda a afinação do tímpano pisando no pedal]

ELIZABETH DEL GRANDE:

Então você tem notas musicais como como qualquer outro instrumento.

SANDRA ANNENBERG:

E com as notas, é possível tocar escalas...

[Elizabeth toca uma escala]

SANDRA ANNENBERG:

E também melodias...

[Elizabeth toca melodias no tímpano]

SANDRA ANNENBERG:

Pois é, e se a afinação das notas é essencial para que a música soe bem, numa orquestra a afinação entre as pessoas também é crucial. Uma orquestra como a Osesp funciona como uma máquina, um relógio em que cada engrenagem precisa se encaixar perfeitamente na seguinte. Sem esse encaixe, nada funciona. Nem o oboé, o instrumento responsável pela afinação da orquestra. Escuta só como ele soa sem o encaixe perfeito na palheta...

[Toque de som estranho no oboé sem a palheta]

SANDRA ANNENBERG:

E essa mesma falta de encaixe, essa desafinação, aconteceu entre o maestro Neschling e a Osesp em 2002. Depois de um desentendimento, sete músicos foram demitidos, uma situação que gerou bastante ruído na época.

Em 2009, Neschling encerrou seu trabalho na Osesp, deixando um legado indiscutível pra uma orquestra que, nos anos seguintes, viu crescer o seu reconhecimento internacional, inclusive com a chegada de novos regentes titulares.

Primeiro veio o francês Yan Pascal Tortelier, depois a norte-americana Marin Alsop.

[Marin Alsop ensaiando a Orquestra falando metade em português, metade em inglês]

SANDRA ANNENBERG:

Atualmente, quem está com a batuta é o maestro suíço Thierry Fischer, que ainda vai aparecer por aqui pra falar sobre como é reger a Osesp. Mas, antes dele, uma outra personagem vai entrar em cena...

[entra a trilha de *O trenzinho do caipira*, de Villa-Lobos]

SANDRA ANNENBERG:

Nós vamos ouvir como uma antiga estação ferroviária se tornou a Sala São Paulo, uma das melhores salas de concerto do mundo. E vamos conhecer os desafios acústicos para que nenhum ruído dos trens vazasse pra dentro da Sala.

NELSON DUPRET:

Foi construído uma laje de concreto de 20 cm de espessura. Sobre ela foram colocados amortecedores de Neoprene, de 8 cm de altura e 10 cm de diâmetro com anéis concêntricos...

[continua a trilha de *O trenzinho do caipira*, de Villa-Lobos]

SANDRA ANNENBERG:

E como um visitante americano olhou para um jardim de inverno, decorado com colunas, vitrais e coqueiros, e viu o lugar certo para a construção da Sala.

[som original em inglês, sobreposto por uma voz traduzindo em português, simultaneamente]

CHRIS BLAIR [AO FUNDO]:

Eu fiquei chocado em como as proporções dos jardins eram parecidas com a sala da Sinfônica, de Boston, e a Musikverein, de Viena. Aí eu disse: “Neste lugar a gente pode fazer uma das melhores salas de concerto do mundo”.

SANDRA ANNENBERG:

Prepare os fones de ouvido porque nós vamos fazer um tour sonoro pela história da maior sala de concertos do Brasil!

[Entram créditos finais]

| o | s | e | s | p |

Esse episódio teve áudios da Osesp, do Canal Arte 1, da Pródigo Filmes, do Canal Nat Geo e da TV Cultura.

No portal de conteúdo do site **osesp.art.br** você encontra mais sobre este capítulo da história da Orquestra.

“Aqui a música toca” é uma produção Ser Sonoro, com realização da Fundação Osesp e do Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas.